



Copyright © Stefania Auci
© 2019 Casa Editrice Nord s.u.r.l.
Gruppo editoriale Mauri Spagnol
Título original: I Leoni di Sicilia
Copyright de tradução © 2021 por HarperCollins Brasil

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Milena Vargas*

Preparação de original: *Marcela Ramos*

Revisão: *Isabela Sampaio*

Capa: *Stephen Brayda*

Arte de capa: *Ritratto di signora con due adolescenti, de Vittorio Corcos (1859-1933), Archivi Alinari, Firenze*

Adaptação de capa: *Osmane Garcia Filho*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção de ebook: *S2 Books*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auci, Stefania

Os leões da Sicília – a saga da família Florio / Stefania Auci ; tradução Francesca Cricelli. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ : HarperCollins Brasil, 2021.

Título original: I leoni di Sicilia. La saga dei Florio

ISBN 978-65-5511-057-9

1. Ficção italiana I. Título.

21-54389

CDD-853

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

*Que tem perder-se da batalha o campo?
Tudo não se perdeu; muito inda resta:
Indômita vontade, ódio constante,
De atras vinganças decidido estudo,
Valor que nunca se submete ou rende*

JOHN MILTON

Mapa da cidade de Palermo na época dos Florio

Legendas

A: Monte de Pietà. Constitui o quadrante noroeste da antiga cidade murada. Em seu interior, a catedral e o mercado do Capo são locais de destaque.

B: Castellammare (Loggia). É o centro da atividade dos Florio: na verdade, é aqui que se encontram a rua dos Materassai e o largo San Giacomo. A Cala abre-se para o mar, fechada do lado esquerdo pelo Castello a Mare e pelo Lazzaretto.

C: Albergheria. Abriga o Palácio Real e o mercado de Ballarò. É considerada a parte mais antiga da cidade.

D: Kalsa. Também conhecida como sede dos Tribunais graças à presença da antiga sede da Inquisição no edifício Steri e dos órgãos judiciais. Aqui se encontram prédios e residências nobres que estão entre os mais antigos e prestigiosos da cidade.

1) A Cala. Antigo empório comercial utilizado pelos fenícios no século VIII, torna-se um ponto de desembarque para os gregos, os cartagineses e os romanos. Mais tarde, os árabes constroem a primeira cidadela fortificada, Al Halisah, de onde se origina a Kalsa. Comerciantes, diplomatas e viajantes chegam nesta enseada e entram na cidade pelas numerosas portas, cada uma dedicada a um tipo específico de mercadoria, como a porta Calcina ou a porta Carbone. Durante séculos, a Cala representou a base do comércio palermitano. É aqui que os Florio chegam da Calábria, e é também aqui que o jovem Vincenzo aprende muitas lições que lhe serão úteis para garantir à sua família o lugar esperado.

2) Igreja de Santa Maria a Nova. Fundada em 1534, encontra-se no largo San Giacomo la Marina, no meio do caminho entre a praça Garraffello e a Cala. É construída em estilo gótico catalão, com um pórtico fechado por uma grade alta com três arcos rebaixados e abóbadas cruzadas. Ao contrário de sua vizinha, San Giacomo la Marina, demolida em 1860 após ter sido danificada pelos bombardeios borbônicos, a construção permanece quase intacta até os dias de hoje. É a igreja frequentada por Giuseppina Florio.

3) Edifício Chiaramonte-Steri. Construído pela família Chiaramonte no século XIV, o nome deste edifício deriva da expressão latina *Hosterium Magnum*, que significa “grande edifício fortificado”. Janelas gradeadas e minuciosamente decoradas, maravilhosos tetos de madeira e um uso habilidoso da volumetria fazem dele o exemplo mais importante do estilo gótico chiaramontano, presente apenas na Sicília e caracterizado por uma feliz mistura entre rigor militar na arquitetura e grande elegância nos elementos decorativos. Sede do tribunal da Inquisição do século XVII até o fim do século XVIII, foi posteriormente utilizado como Alfândega Real até 1958. Para os Florio, portanto, foi um local de comércio e de barganha. É aqui que alugam um armazém para comportar as mercadorias que entram e saem.

4) Catedral de Santa Maria Assunta. Fundada no século XII, suas raízes remontam ao passado fenício da cidade e seguem sua jornada no tempo através de diversas encarnações: romana, bizantina, árabe, normanda, aragonesa, espanhola e borbônica, até chegar às obras de restauração contemporâneas (desde 2015 é patrimônio da Unesco). Sede de sepulturas reais, abriga a tumba do grande Frederico II da Suábia. É um edifício imponente que se encontra no centro de uma área riquíssima do ponto de vista arquitetônico: a poucos passos se vê o Palácio Real e, atrás dele, a normanda Loggia dell’Incoronazione.

5) Mercado do Capo. Ballarò, Vucciria, Lattarini, o mercado de pulgas próximo à catedral e, por fim, o mercado do Capo: estes são os grandes mercados populares de Palermo, parte importante da economia da cidade há séculos e, ao mesmo tempo, locais em que se pode apreciar verdadeiramente sua atmosfera desbocada e vital.

6) Palácio Real ou dos Normandos. A um passo da catedral de Palermo está o palácio real mais antigo da Europa. É um edifício de beleza mestiça, que reflete as diferentes culturas que foram se alternando na cidade: se parte das paredes externas remonta à dominação árabe, no interior da capela Palatina encontram-se mosaicos do período normando, enquanto a parte subterrânea é dos tempos medievais, hoje utilizada para a realização de mostras e exposições. Desde 1947 é sede da Assembleia Regional Siciliana.

7) Palazzo della Zecca. Grani, tari, ducati, onze... A moeda siciliana é uma coleção de nomes, metais e valores. Não são todas as cidades que têm o privilégio de cunhar moedas, e o fato de Palermo abrigar a casa da moeda do Reino das Duas Sicílias até 1836 é sinal de seu prestígio. Mais tarde, o edifício torna-se a sede do Conselho Real da Sicília. Depois de ter sofrido danos profundos durante a Segunda Guerra Mundial, tanto que atualmente resta bem pouco da construção original, hoje o local abriga uma sede do Ministério da Fazenda. Vincenzo Florio aluga um apartamento nas vizinhanças deste edifício: a região é tranquila, mas a um passo do coração da cidade, com o edifício Steri de um lado, a Cala do outro e o Cassaro a uma curta distância.

8) Igreja de São Jorge dos Genoveses e campanário da igreja da Annunziata. A Palermo renascentista é uma cidade cosmopolita, um caldeirão de culturas diversas que convivem, às vezes, com dificuldades e tensões. Cada comunidade tem seu ponto de encontro: com suas paredes brancas e fachada envelhecida, a igreja de São Jorge é o da rica comunidade genovesa, por quem foi fundada no século XV. Sua cúpula octogonal é uma visão familiar aos Florio durante os anos passados no distrito de Castellammare, do qual esta igreja é um ponto de referência, junto com o campanário da igreja da Annunziata, que é tudo que resta desta construção após os bombardeios de 1943. Hoje, São Jorge é usada como espaço para exposições.

9) Igreja de Santo André dos Amalfitanos. A uma curta distância da rua dos Materassai, ergue-se esta igreja fundada no século XIII pela comunidade de mercadores e navegadores de Amalfi, que a abandonam à guilda dos vendedores de especiarias depois de quatro séculos de convivência difícil. *Nenhum fármaco detém a morte* são os dizeres gravados na entrada da cripta, e quem sabe que tipo de reflexões esse *memento mori* suscitou nos Florio, que, com o comércio de sua cortiça, trouxeram dificuldades para os poderosos farmacêuticos parlemitanos. Desconsagrada após anos de degradação, hoje encontra-se fechada e indisponível para visitas.

10) Quattro Canti. Chamada por alguns de praça Villena em homenagem ao vice-rei que a mandou construir, esta praça octogonal também é conhecida como Teatro del Sole, porque, durante o dia, ao menos um dos edifícios que a rodeiam é banhado de sol. Local de grande elegância e de extremo rigor arquitetônico, é o cruzamento entre a rua Maqueda e o Cassaro, as duas principais vias do centro histórico. O número quatro é o símbolo desta praça: é o ponto de encontro dos quatro distritos; nas fachadas dos edifícios que a rodeiam, as quatro estações são representadas, e servem de abrigo para as estátuas dos reis Carlos V, Filipe II, Filipe III e Filipe IV, bem como das santas padroeiras Cristina, Ninfa, Oliva e Agata. Por fim, quatro fontes simbolizam os quatro rios que banhavam Palermo: Papireto, Kemonia, Oreto e Pannaria. Palco de “festas e garfos”, como diz um provérbio local, aqui se pisa literalmente em história, inclusive a dos Florio, que atravessam a praça para ir ao teatro Carolino ou para visitar o Palácio da Cidade.

11) Rua dos Materassai. Antigamente chamada de rua dos Spadari, a rua dos Materassai é uma viela estreita e pobre. Se hoje muitos extracomunitários vivem aqui, no século XIX era habitada por imigrantes calabreses e napolitanos. Trata-se de uma rua nada luxuosa, portanto, mas situada no coração de Castellammare, o bairro comercial, a dois passos da Cala, da Alfândega e

dos palácios do poder. Não é por acaso que Paolo Florio e seu irmão Ignazio estabelecem aqui seu depósito, que logo se torna uma *putia* renomada.

12) Praça e fonte Garraffello. Uma praça de formato irregular, espremida entre os edifícios. Há nela uma fonte muito amada pelos palermitanos, cuja água era considerada milagrosa. E talvez seja mesmo, pois a fonte foi salva dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, que afetaram profundamente o bairro. Hoje, após um longo período de degradação e abandono, a praça ganhou nova vida e a fonte foi objeto de restaurações que trouxeram à luz seu antigo esplendor.

13) Porta Felice. É difícil imaginar uma entrada mais espetacular do que esta porta monumental que tem vista para o mar e dá acesso ao Cassaro. A porta Felice é assim chamada em homenagem à esposa do vice-rei que a manda construir em 1582, e é especial porque não tem arquitrave. Ricamente decorada, é composta por dois pilares de três andares, com frisos, alpendres, estátuas, fontes e um interior pequeno mas funcional, que abriga os oficiais do órgão de vigilância. Graças aos restauros que se fizeram necessários após os bombardeios da Segunda Guerra Mundial, a porta ainda existe, majestosa e elegante.

14) Palácio Butera. Junto com porta Felice, este complexo monumental oferece aos visitantes uma elegante e suntuosa recepção para a cidade. Depois de ter passado por um período de abandono em decorrência dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, foi usado como centro de convenções e foi casa de concertos e festas. Antiga propriedade dos Lanza di Trabia, uma das famílias mais importantes de toda a Sicília, cujo destino se confunde com o dos Florio, hoje o palácio Butera pertence à família Valsecchi, que o restaurou e transformou em um centro de exposições de arte moderna.

15) Igreja da Gancia. É por este nome que a igreja de Santa Maria dos Anjos, na Kalsa, é conhecida. Se “gancia” indica literalmente um abrigo para os necessitados — e, de fato, é aqui que os franciscanos fundam um no século XV —, hoje o termo traz à mente o motim ocorrido em 1860. A brutalidade da repressão é a gota d’água que abre caminho para a chegada dos Mil de Garibaldi, pouco mais de um mês depois. Além dos sinos tocados pelos frades para indicar o início da revolta que termina em sangue, na igreja ainda é possível admirar um teto espetacular de ladrilhos de madeira, que remonta ao século XVI e lembra um céu estrelado.

16) Teatro Carolino. Desabamentos, incêndios e reestruturações caracterizam a história de um dos teatros históricos de Palermo. Local de entretenimento do povo e ponto de encontro da alta sociedade, aqui se instalavam óperas sérias e divertidas, bailes e festas de máscaras na época do carnaval. A segunda geração dos Florio é dona, naturalmente, de um camarote. O nome “Carolino” foi atribuído ao teatro em 1799, em homenagem à rainha Maria Carolina da Áustria, mas, em 1948, torna-se Teatro Bellini, nome que mantém até hoje.

17) Castello a Mare. Construído pelos árabes e fortificado pelos aragoneses, é um baluarte em defesa da Cala, bem como um poderoso símbolo do poder borbônico. Olhando por cima das mercadorias que chegam ao porto, os Florio avistam as sentinelas que fazem a ronda por seus terrenos e vigiam as embarcações. Ocupado pelos insurgentes em 1848 e 1860, foi demolido com a chegada de Garibaldi, que ordena sua destruição para evitar que seja novamente usado pelos Bourbon. Hoje, é possível visitar suas ruínas como parte do parque arqueológico da cidade.

PRÓLOGO

Bagnara Calabria, 16 de outubro de 1799

Cu nesci, arrinesci.
"Quem sai, consegue."

PROVÉRBIOS SICILIANOS

Copyrighted image

erremoto é um sibilo que nasce do mar, insinua-se na noite. Ele incha e cresce, transformando-se em um estrondo que lilacera o silêncio.

Nas casas, as pessoas dormem. Algumas acordam com o tilintar das louças; outras, quando as portas começam a bater. Todas, porém, estão de pé quando as paredes tremem.

Mugidos, latidos, preces, maldições. As montanhas sacodem rocha e barro para longe, o mundo fica invertido.

O tremor chega à região de Pietraliscia, agarra os alicerces de uma casa e sacode-os com violência.

Ignazio abre os olhos, arrancado do sono por aquela agitação que abala as paredes. Acima, o teto baixo parece cair sobre ele.

Não é sonho. É a pior das realidades.

À sua frente, a cama de Vittoria, a sobrinha, balança entre a parede e o centro do quarto. Em cima do banco, a caixinha de metal oscila, cai no chão com o pente e a navalha.

Na casa ressoam gritos de uma mulher.

— Socorro, socorro! Terremoto!

Aquele berro faz com que ele se levante de imediato. Ignazio, porém, não foge. Deve antes proteger Vittoria: ela só tem 9 anos, está tão assustada. Puxa-a para debaixo da cama, protegendo-a dos destroços.

— Fique aqui até eu voltar, entendeu? — diz ele. — Não se mexa.

Ela concorda. O terror impede que fale.

Paolo. Vincenzo. Giuseppina.

Ignazio sai correndo do quarto. O corredor parece infinito, embora possa ser atravessado com poucos passos. Percebe que a parede escapa da palma de sua mão, consegue tocá-la de novo, mas ela é móvel, como uma coisa viva.

Ele chega ao quarto do irmão, Paolo. Um fio de luz se infiltra pelo batente da porta. Giuseppina, sua cunhada, pulou da cama. O instinto materno a acordou, avisando-lhe da ameaça que paira sobre Vincenzo, o filho de poucos meses. Ela tenta pegar o recém-nascido que dorme no berço atado às vigas do teto, mas o cesto de vime está à mercê dos choques da terra. A mulher chora em desespero, estica os braços enquanto o berço balança sem parar.

O xale que está vestindo cai, deixando os ombros nus.

— Meu filho! Mãe de Deus, nos ajude! — grita ela em siciliano.

Giuseppina consegue agarrar o bebê. Vincenzo arregala os olhos e começa a chorar.

No meio do caos, Ignazio percebe uma sombra. Seu irmão, Paolo. Ele pula do colchão, pega a esposa, empurra-a para o corredor, gritando:

— Vamos sair daqui!

Ignazio volta atrás.

— Espere! Vittoria! — grita.

Embaixo da cama, no escuro, ele reencontra a sobrinha, enrolada como um novelo com as mãos sobre a cabeça. Pega-a com força e sai correndo. Pedacos do reboco se desprendem das paredes enquanto o terremoto uiva.

Percebe que a criança procura se proteger agarrando a camisa dele até torcer o tecido. Chega até a arranhá-lo, de tanto medo.

Paolo os empurra para além da soleira.

— Aqui, rápido!

Eles correm para o centro do pátio enquanto o tremor chega ao ápice. Apertam-se em um abraço, as cabeças roçando, as pálpebras fechadas. São cinco. Estão todos ali.

Ignazio reza, treme e espera. Está acabando. Tem que acabar.

O tempo se desfaz em milhões de instantes.

Depois, assim como nasceu, o estrondo sossega, até parar por completo.

Por um segundo, há somente a noite.

No entanto, Ignazio sabe que aquela paz é enganosa. Esta é a lição do terremoto, uma lição que ele teve que aprender muito cedo.

Ele levanta a cabeça. Sente o pânico de Vittoria através da camisa, as unhas que se agarram à sua pele, a tremedeira da garota.

Lê o medo no rosto da cunhada, o alívio no rosto do irmão; vê o gesto de Giuseppina ao buscar o braço do marido, e Paolo que se desvincula dela para se aproximar da casa.

— Graças a Deus ainda está de pé. Amanhã, à luz do dia, vamos ver os danos e...

Vincenzo escolhe aquele momento para desatar em um choro incontido. Giuseppina o embala e consola.

— Calma, meu amor, fique quietinho.

Enquanto isso, a mulher se aproxima de Ignazio e Vittoria. Através da respiração acelerada e do cheiro de suor — medo misturado ao perfume de sabão da camisola —, Ignazio vê que Giuseppina ainda está aterrorizada.

Ignazio pergunta para a sobrinha:

— Vittó, como você está? Tudo bem?

A menina diz que sim, mas não tira a mão da camisa dele, agarra-se a ela. Ignazio força a mãozinha a sair. Entende seu medo: a garotinha é órfã, filha de seu irmão Francesco. Ele e a esposa morreram poucos anos antes, deixando-a aos cuidados de Paolo e Giuseppina, os únicos que podiam lhe oferecer uma família e um teto.

— Estou aqui. Fique tranquila.

Vittoria o encara, muda, depois se agarra a Giuseppina da mesma forma que fizera com ele até um instante atrás, como uma náufraga.

Vittoria vive com Giuseppina e Paolo desde que eles se casaram, há pouco menos de três anos. Tem o mesmo jeito do tio Paolo: é taciturna, orgulhosa e reservada. Contudo, naquele momento, é só uma menina aterrorizada.

No entanto, o medo tem muitas máscaras. Ignazio sabe que seu irmão, por exemplo, não vai ficar parado, lamentando-se. Já agora, com as mãos nos quadris e a expressão turva, contempla o pátio e as montanhas que encerram o grande vale.

— Bom Deus, quanto tempo durou?

Sua pergunta cai no silêncio. Depois Ignazio responde:

— Não sei. Muito. — Ele tenta acalmar o tremor que o faz vibrar por dentro. O rosto ficou tensionado pelo susto, o maxilar está enfeitado com um tufo de barba clara, incipiente, e as mãos finas estão agitadas. É mais jovem do que Paolo, que, na verdade, parece mais velho do que realmente é.

A tensão se desfaz em uma espécie de cansaço, dando espaço para sensações físicas: a umidade, a náusea, o mal-estar das pedras sob os pés. Ignazio está descalço, de pijama, quase nu. Tira os cabelos da testa, observa o irmão e então a cunhada.

Para decidir, basta um instante.

Encaminha-se para a casa. Paolo o segue e o puxa pelo braço.

— Onde pensa que vai?

— Elas precisam de cobertores. — Com a cabeça, Ignazio indica Vittoria e Giuseppina, que acalenta o recém-nascido. — Fique com sua mulher. Eu vou.

Nem espera pela resposta. Com uma mistura de pressa e cautela, sobe os degraus da frente. Detém-se na entrada para deixar que a visão se acostume à penumbra.

Pratos, mobília, cadeiras: está tudo no chão. Perto da despensa, uma nuvem de farinha ainda paira no ar.

Sente um aperto no coração: aquela é a casa que Giuseppina deu a Paolo como dote. É o lar deles, sim, mas também é um local caloroso, em que Ignazio se sente acolhido. Fica desalentado ao ver tudo assim.

Hesita. Sabe o que pode acontecer caso comece outro tremor.

Porém, a incerteza dura apenas um segundo. Entra e arranca os cobertores das camas.

Vai até seu quarto. Encontra o alforje em que guarda as ferramentas de trabalho, recolhe-o. Por fim, encontra a caixinha de ferro. Abre-a. A aliança de casamento de sua mãe brilha no escuro e parece querer confortá-lo.

Guarda a caixinha no alforje.

É no corredor que vislumbra o xale de Giuseppina: a cunhada deve tê-lo perdido durante a fuga. Ela jamais se separa dele: veste-o desde o primeiro dia em que entrou para a família.

Ignazio o pega, volta para a porta, faz o sinal da cruz olhando para o crucifixo próximo ao batente.

Um momento depois, a terra volta a tremer.

— Esse foi mais rápido, graças a Deus.

Ignazio divide as cobertas com o irmão; entrega uma a Vittoria. Por fim, o xale.

Quando o devolve, Giuseppina toca a camisola e sente a pele nua.

— Mas...

— Estava no chão — explica Ignazio, baixando os olhos.

Ela murmura um agradecimento e se enrola no tecido em busca de algum conforto capaz de lhe afastar aquele frio estranho que sente, feito de angústia e lembranças.

— É inútil ficar ao relento.

Paolo escancara a porta do estábulo. A vaca emite um som débil de protesto enquanto ele a puxa pelo cabresto para amarrá-la à parede oposta. Depois, acende uma lamparina com uma pederneira. Arruma amontoados de feno contra as paredes.

— Vittoria, Giuseppina, sentem-se.

Ignazio sabe que aquele é um gesto de cuidado, mas o tom é de ordem. As duas têm olhares distantes, fixos no céu e na rua. Ficariam a noite toda no pátio se ninguém lhes dissesse o que fazer. É a obrigação do chefe da família. Ser forte, proteger: é o que um homem faz, sobretudo um homem como Paolo.

Vittoria e Giuseppina se jogam sobre o monte de palha. A menina se enrola em posição fetal, com as mãos fechadas diante do rosto.

Giuseppina a observa. Observa e não quer relembrar, mas a memória é insidiosa, é implacável, vem de dentro, agarra-a pela garganta e arremessa-a de novo ao passado.

À sua infância. Aos seus pais, mortos.

A mulher fecha os olhos e manda embora a lembrança com uma respiração profunda. Ou ao menos tenta. Aperta Vincenzo mais forte, depois abre a camisola e o bebê logo alcança o mamilo. As mãozinhas apertam a pele fina, as unhas arranham em volta da aréola.

Ela está viva, seu filho está vivo. Não vai ficar órfão.

Ignazio, no entanto, está parado na soleira. Analisa a casa. Apesar da escuridão, procura sinais de que pode cair, alguma rachadura, algum muro trincado, mas não encontra nada. Não consegue acreditar, quase não ousa acreditar que *desta vez* tudo vai correr bem.

A lembrança de sua mãe é uma rajada de vento na noite. Sua mãe que ria, que lhe estendia os braços, e ele, pequeno, corria até ela. De repente, a caixa no alforje parece mais pesada. Ignazio a pega, tira o anel de ouro puro. Aperta-o com a mão sobre o peito.

— Mãe — sussurra ele.

É uma prece, talvez a busca por algum consolo. De um abraço do qual ele sente falta desde os 7 anos. Desde que sua mãe, Rosa, morreu. Foi em 1783, o ano do castigo de Deus, o ano em que a terra tremeu até não sobrar nada de Bagnara, só escombros. Aquele terremoto devastador que atingira a Calábria e a Sicília, causando milhares de mortes, arrastando dezenas de vidas em apenas uma noite em Bagnara.

Como daquela vez, ele e Giuseppina estiveram próximos.

Ignazio se lembra bem dela. Uma garotinha magra e pálida, agarrada ao irmão e à irmã, encarando fixamente dois montinhos de terra marcados por uma única cruz: seus pais, mortos durante o sono, esmagados quando o quarto desabou.

Ele, no entanto, estava ao lado do pai e da irmã; Paolo, um pouco mais atrás, os punhos fechados e um olhar sombrio no rosto adolescente. Naqueles dias, ninguém tinha chorado apenas os próprios mortos: o funeral dos pais de Giuseppina, Giovanna e Vincenzo Saffiotti, ocorrera na mesma data do de sua mãe, Rosa Bellantoni, e com eles foram enterrados diversos outros moradores de Bagnara. Os sobrenomes eram sempre os mesmos: Barbaro, Spoliti, Di Maio, Sergi, Florio.

Ignazio esquadrinhou a cunhada. No momento em que Giuseppina ergueu seus olhos e encontrou os dele, o jovem entendeu que ela também era castigada pelas lembranças.

Os dois falam a mesma língua, moram na mesma dor, carregam dentro de si a mesma solidão.

— Deveríamos ir ver o que aconteceu com os outros. — Ignazio indica a colina para além da aglomeração de Bagnara. No breu, luzes sinalizam a presença de casas e pessoas. — Não quer saber se Mattia e Paolo Barbaro estão bem?

Há uma leve hesitação na voz dele. Com 23 anos, Ignazio já é um homem feito; contudo, seus gestos fazem Paolo se lembrar daquele garotinho que se escondia nos fundos da casa da família, atrás da fornalha do pai, quando a mãe deles os repreendia. Depois, com a *outra*, a nova esposa do pai, Ignazio nunca mais chorou. Limitava-se a lançar-lhe um olhar fixo, cheio de ódio, e ficava em silêncio.

Paolo encolhe os ombros.

— Não é necessário. Se as casas estão de pé, então ninguém se machucou. Além disso, é madrugada, está escuro e a Pagliara é - longe.

Ignazio, porém, espreita, ansioso, as ruas e mais além, em direção aos montes que rodeiam o vilarejo.

— Não. Vou lá ver o que aconteceu.

Ele pega o caminho em direção ao centro de Bagnara, ouvindo a recriminação do irmão.

— Volte! — grita Paolo, mas Ignazio levanta a mão para sinalizar que não vai voltar, que seguirá em frente.

Está descalço, de pijama, mas não se importa: quer saber como está a irmã. Desce da altura onde fica Pietraliscia e, poucos passos depois, chega ao vilarejo. Escombros por toda parte, pedaços de telhado, telhas partidas.

Vê um homem correndo, com uma ferida na cabeça. O sangue brilha sob a luz da tocha que ele usa para iluminar o caminho. Ignazio atravessa a praça, se enfia nas ruelas cheias de galinhas, cabras e cães em fuga. A confusão é enorme.

Nos pátios, mulheres e crianças rezam o terço ou chamam uns aos outros para ter notícias. Os homens, no entanto, procuram pás e enxadas, e recolhem os alforjes com suas ferramentas de trabalho, as únicas coisas que poderão garantir seu sustento, mais preciosas do que a comida e as roupas.

Ele sobe pela via que leva até a região de Granaro, onde fica a casa dos Barbaro.

Lá, à margem da estrada, há dois barracos de pedra e madeira.

No passado, eram casas de verdade: ele era pequeno, mas lembrasse bem delas. No entanto, o terremoto de 1783 as destruiu. Quem as perdeu reconstruiu-as como conseguiu com o material que pôde recuperar. Outros tinham usado as ruínas para erguer moradias maiores e mais elegantes, como fizera seu cunhado, Paolo Barbaro, marido de Mattia Florio, sua irmã.

A primeira pessoa que Ignazio vê é ela, Mattia, sentada em um banco, os pés descalços. Olhos escuros, olhar grave, a filha Anna agarrada à sua camisola e Raffaele adormecido em seus braços.

Naquele momento, Ignazio revê na irmã a própria mãe, com seus tons morenos. Vai ao encontro dela, abraça-a sem dizer uma palavra. A tensão deixa de afundar seu coração.

— Como estão todos? Paolo, Vincenzo? Vittoria? — Ela segura o rosto dele com as duas mãos, beija-lhe os olhos. Na voz, um aceno de choro. — Como está Giuseppina? — Abraça-o mais uma vez, e o irmão sente cheiro de pão e fruta, um aroma de casa, de doçura.

— Todos bem, graças a Deus. Paolo acomodou a esposa e as crianças no estábulo. Vim para saber como você... como vocês estão.

Dos fundos da casa, surge Paolo Barbaro. Seu cunhado. Ele traz um burro pelo cabresto.

Mattia se enrijece, e Ignazio a solta.

— Ah. Já estava indo buscar você e seu irmão — diz o cunhado, amarrando o animal à carroça. — Precisamos ir até o porto para ver como está o barco. Pode ser só você, não tem problema.

Ignazio abre os braços e deixa cair o cobertor.

— Assim? Estou quase nu.

— E qual o problema? Tem vergonha?

Paolo é baixo e troncado. O cunhado, por sua vez, é seco, tem um corpo nervoso, jovem. Mattia segue adiante, caminhando com as crianças agarradas a ela.

— Tem roupas no baú. Pode pegar... — diz Mattia.

O marido a cala.

— Por acaso pedi sua opinião? Por que sempre tem que se meter em meus assuntos? E você, suba, rápido. Com tudo que aconteceu, ninguém vai notar a forma como está vestido.

— Mattia só queria ajudar — diz Ignazio, tentando defendê-la. Não suporta ver a irmã cabisbaixa, com as bochechas coradas de humilhação.

Ele sobe na carroça.

— Minha mulher fala demais. Vamos!

Ignazio quer responder, mas Mattia o impede com o olhar suplicante. Ele bem sabe que Barbaro não respeita ninguém.

O mar está viscoso, com cor de tinta, confundindo-se com a noite. Ignazio desce da carroça assim que chegam ao porto.

Diante dele, a enseada varrida pelo vento, obstruída por um amontoado de rochas e areia, protegida pelo rochedo imponente das montanhas e do cabo Marturano.

Ao redor das embarcações, homens gritam, verificando mercadorias, apertando cordas.

O movimento é tanto que mais parece ser meio-dia.

— Vamos. — Barbaro caminha em direção à torre do rei Ruggero, onde o mar é mais profundo. Lá estão atracadas as embarcações maiores.

Chegam diante de um barco de quilha chata. É o *San Francesco di Paola*, o veleiro *schifazzo* dos Florio e dos Barbaro. O mastro oscila ao ritmo das ondas, o gurupés se espraia em direção ao mar. As velas estão dobradas, o cordame em ordem.

Um fio de luz escapa da escotilha. Barbaro se inclina e escuta os rangidos com uma expressão que oscila entre a surpresa e a irritação.

— Cunhado, é você?

A cabeça de Paolo Florio surge na escotilha.

— E quem mais seria?

— Como vou saber? Depois de tudo que aconteceu esta noite...

Mas Paolo Florio já não dá mais atenção a ele. Agora, olha para Ignazio.

— E você? Não voltou com notícias. Saiu andando e desapareceu. Suba a bordo, rápido.

Então, Paolo entra no barco enquanto o irmão sobe a bordo. O cunhado permanece sobre o cais para verificar o costado esquerdo que bateu contra o embarcadouro.

Ignazio se inclina em direção ao convés, entre as caixas e os sacos de estopa que partirão da Calábria rumo a Palermo.

Este é o trabalho deles: o comércio, especialmente o marítimo. Poucos meses antes, o reino de Nápoles fora atingido por turbulências: o rei tinha sido deposto, e os revoltosos fundaram a República Napolitana. Um grupo de nobres e intelectuais difundira as ideias de democracia e liberdade, assim como ocorrera na França durante a revolução que testemunhou as decapitações de Luís XVI e Maria Antonieta. Ferdinando e Maria Carolina, porém, foram mais espertos e escaparam a tempo, apoiados pela parte do exército que se mantivera fiel aos ingleses, inimigos históricos da França, antes que os *lazzari* — o povo — os destruíssem com sua fúria.

Porém, ali, entre os montes calabreses, chegara apenas a última onda daquela revolução. Ocorreram homicídios, os soldados não sabiam mais a quem deviam obedecer, e os ladrões, que sempre infestaram as montanhas, começaram a atacar também os comerciantes da costa. Entre salteadores e revolucionários, as estradas ficaram perigosas e, ainda que o mar não tivesse igrejas ou tabernas, certamente oferecia mais segurança do que as estradas do reino dos Bourbon.

O interior do pequeno porão era sufocante. Cedros em cestos de vime, encomendados pelos boticários; peixe, sobretudo bacalhau calabrês e arenque salgado. Mais ao fundo, cortes de couro prontos para serem transportados a Messina.

Paolo vê os sacos de mercadoria. No porão, um cheiro de peixe salgado com o aroma levemente azedo do couro se espalha.

As especiarias, no entanto, não estão ali. Estas ficam em casa até o momento da partida. A umidade e a maresia podem danificá-las, e essa mercadoria deve ser conservada com zelo. Têm nomes exóticos que adquirem sabor na língua e evocam imagens de sol e calor:

pimenta-do-reino, citrino, cravo, tormentilha, canela. Elas são a verdadeira riqueza.

De repente, Ignazio percebe que Paolo está nervoso. Vê em seus gestos, nas palavras sufocadas pelas ondas batendo no casco.

— O que foi? — pergunta Ignazio.

Ignazio está preocupado que o irmão tenha brigado com Giuseppina. Sua cunhada não é reticente como uma esposa deveria ser. Pelo menos, uma esposa adequada a Paolo. Mas não é isso que o perturba, percebe.

— O que foi? — repete.

— Quero ir embora de Bagnara.

A frase cai no momento fugaz entre uma onda e a seguinte.

Ignazio tem a esperança de não ter entendido bem, mas sabe que o irmão já expressara aquele desejo outras vezes.

— Para onde? — pergunta o mais novo, mais aflito do que surpreso. Tem medo. Um medo imprevisível, antigo, uma fera com o hálito ácido do abandono.

Mattia e Paolo sempre apoiaram Ignazio. Agora, Mattia tem a própria família, e Paolo quer ir embora. Deixá-lo sozinho.

Seu irmão baixa a voz. É quase um sussurro.

— Na verdade, penso nisso há algum tempo. O tremor desta noite me convenceu de que é o certo a fazer. Não quero que Vincenzo cresça aqui, com o risco de a casa cair em cima dele. Além disso... — Olha para o irmão. — Quero mais, Ignazio. Este vilarejo já não me basta. Esta vida não é o suficiente para mim. Quero ir para Palermo.

Ignazio abre a boca para responder, mas volta a fechá-la. Está desorientado, sente que as palavras são feitas de cinzas.

É claro que Palermo é uma escolha óbvia: Barbaro e Florio, como são chamados em Bagnara, têm uma *putìa*, uma loja de especiarias, por lá.

Ignazio lembra. Tudo tinha começado como um depósito havia uns dois anos, um lugar pequeno onde guardavam as mercadorias que compravam pela costa para revendê-las na ilha. No início, foi uma necessidade; depois, porém, o irmão Paolo percebeu que aquilo era uma grande oportunidade: poderiam aumentar as vendas em

Palermo que, naquele momento, era um dos maiores portos do Mediterrâneo. Assim, o depósito se transformou em um empório. *Além do mais, em Palermo, há uma grande comunidade de cidadãos de Bagnara*, ponderou Ignazio. É um ótimo mercado, vivaz, rico e cheio de possibilidades com a chegada dos Bourbon foragidos da revolução.

Com a cabeça, Ignazio indica o cais sobre ele, onde estalam os passos do cunhado.

Não, Barbaro ainda não sabe. Paolo faz sinal para que o irmão fique de boca calada.

Para Ignazio, a solidão é um aperto na garganta.

O retorno para casa é silencioso. Bagnara é prisioneira de um tempo suspenso, à espera do nascer do sol. Quando chegam em Pietraliscia, os irmãos entram no estábulo. Vittoria dorme, e também Vincenzo. Giuseppina, porém, está acordada.

Paolo se acomoda ao lado da mulher, que permanece rígida, alerta.

Ignazio procura um lugar no meio da palha e se deita ao lado de Vittoria. A garotinha suspira. Instintivamente, ele a abraça, mas não consegue pegar no sono.

A notícia é difícil de aceitar. Como poderá viver sozinho, já que nunca ficou realmente sozinho?

O alvorecer perfura a escuridão pelas fissuras da porta, uma luz dourada que indica o outono iminente. Ignazio treme de frio: as costas e o pescoço estão encolhidos, os cabelos, cheios de sujeira. Embala Vittoria com doçura.

Paolo já está de pé. Bufa enquanto Giuseppina acalanta o pequeno que começou a se lamuriar.

— Precisamos voltar para casa — declara ela. — Preciso trocar a fralda de Vincenzo e, de toda forma, não posso ficar assim. É indigno.

Paolo bufa mais uma vez e escancara a porta: o sol se alastra pelo estábulo. A casa ainda está de pé e agora, na luz do alvorecer, é possível ver alguns escombros e algumas telhas quebradas. Mas

nenhuma rachadura, nenhum estrago. Ela murmura uma bênção. Podem ir para casa.

Ignazio entra logo depois de Paolo. Atrás dele, Giuseppina. Percebendo os passos hesitantes da mulher, Ignazio espera, pronto para ajudá-la.

Atravessam a soleira. A cozinha está repleta de mobílias quebradas.

— Santa Mãe de Deus, que desastre. — Giuseppina segura firme o recém-nascido, que se queixa de forma incontrollável. O pequeno exala um cheiro de leite azedo. — Vittoria, me ajude aqui! Arrume isso, não posso fazer tudo sozinha. Vamos! — A garotinha, que ficara para trás, entra. Procura o olhar da tia, mas não o encontra. Com os lábios cerrados, ela se abaixa e começa a recolher os cacos. Não vai chorar, não pode.

Giuseppina avança pelo corredor que dá para os quartos. Cada passo seu é um lamento, um aperto no coração. Sua casa, seu orgulho, está cheia de destroços e objetos quebrados. Levará dias até conseguirem colocar tudo em ordem.

Quando chega ao próprio quarto, a primeira coisa que ela faz é lavar Vincenzo. Coloca-o sobre o colchão para poder se lavar também. O garotinho move as pernas, tentando agarrar um dos pezinhos, e consegue, dando uma risada aguda.

— Meu amor — diz ela. — Minha vida.

Vincenzo é sua *puddara*, sua “estrela Polar”. Ela ama o filho mais do que ama qualquer outra pessoa.

Por fim, veste-se com uma roupa de ficar em casa. Nos ombros, o xale, que desce pelas costas.

Enquanto coloca o filho de volta no berço, Paolo entra no quarto.

O homem escancara a janela. O ar fresco invade o quarto, junto ao farfalhar das faias que começam a enrubescer em direção à montanha. Um pássaro pega-rabilonga cisca perto do horto que é cuidado pessoalmente por Giuseppina.

— Não podemos ficar em Pietraliscia.

A mulher se detém com as mãos no travesseiro que está sacudindo.

— Por que não? Há danos? Onde?

— O teto está em risco, mas não é só isso. Vamos embora daqui. De Bagnara.

Giuseppina permanece incrédula. O travesseiro escorrega de suas mãos.

— Mas por quê?

— Porque sim.

A voz não deixa dúvidas: há uma decisão irredutível por trás daquela declaração.

Ela o encara.

— O que está dizendo? Ir embora da minha casa?

— Da nossa casa.

Da nossa casa?, ela tem vontade de perguntar. A mulher olha para o marido de cara fechada. *Esta casa é minha*, pensa com rancor. *Minha, fui eu que a dei como dote enquanto você e seu pai queriam mais dinheiro, sempre mais, nunca era o bastante...* Porque Giuseppina se lembra bem da negociação para conseguir o dote que os Florio desejavam, e demorou algum tempo para que se contentassem, enquanto ela, por sua vez, não queria se casar. E agora essa ideia dele de ir embora? Por quê?

Aliás, não, ela não quer nem ouvir uma resposta. Vai para o corredor, saindo daquele cômodo e daquela discussão.

Paolo segue a esposa.

— Há rachaduras nos muros, telhas caíram. No próximo terremoto, o teto desabará sobre nossa cabeça.

Eles chegam à cozinha. Ignazio entende tudo depressa. Conhece os sinais de uma tempestade, e estão todos ali.

A mulher agarra uma vassoura para tirar a farinha do chão.

— Arrume-a: você é o chefe da família. Ou chame algum pedreiro.

— Não posso ficar aqui vigiando os pedreiros e não tenho tempo para isso. Se eu não partir, não teremos o que comer. Eu navego de Nápoles a Palermo, mas não quero continuar a ser um homem de Bagnara. Quero mais, para mim e para meu filho.

Ela emite um som entre o desprezo e a risada escancarada.

— Mas você é e continuará a ser um homem de Bagnara, mesmo que fosse parar na corte dos Bourbon. Não é possível deixar de ser o

que se é, por mais dinheiro que se tenha. E você é um homem que vende coisas com um veleiro *schifazzo* comprado em sociedade com o cunhado que continua a tratá-lo como serviçal. — Giuseppina começa a transitar com as louças até a pia.

Ignazio ouve o barulho dos pratos batendo um contra o outro, imagina os gestos nervosos. Entrevê as costas da mulher se movendo de súbito, encurvada sobre o tanque.

Sabe como ela deve estar se sentindo: colérica, confusa, assustada. Angustiada.

Ele se sentia da mesma forma desde a noite anterior.

— Vamos embora nos próximos dias. É importante que você avise sua avó que...

Um prato é jogado ao chão.

— Eu não vou deixar minha casa! Esqueça!

— Sua casa! — Paolo sufoca uma blasfêmia. — Sua casa! Você não faz nada além de jogar isso na minha cara desde que nos casamos. Você, seus parentes e seu dinheiro! Sou eu quem lhe permite viver aqui, eu, com meu trabalho!

— Sim. É minha, é a casa que meus pais me deixaram. Só em sonhos você poderia morar em uma casa como esta. Vivia no palheiro de seu cunhado, lembra? Você recebeu *ducatos* de meu tio e meu pai, e agora decide que quer ir embora? — Ela pega uma panela de cobre e a atira no chão com violência. — Eu não vou embora! Esta é minha casa! O telhado está quebrado? Basta consertá-lo! Você nunca está por aqui, viaja todo mês. Vá embora, vá para onde bem entender. Eu e meu filho não vamos sair de Bagnara.

— Não. Você é minha mulher. O filho é meu. Vai fazer o que eu digo. — O tom de Paolo é gélido.

O rosto de Giuseppina perde a cor.

Ela cobre a face com o avental, golpeia a testa com os punhos, com uma raiva crua, implorando para sair.

Ignazio gostaria de intervir, apaziguar os ânimos entre ela e o irmão, mas não pode, e precisa desviar o olhar para se impedir de fazê-lo.

— Desgraçado! Quer realmente me tirar tudo? — fala Giuseppina, soluçando. — Aqui tenho minha tia, minha avó, os túmulos de meus pais. E você, por dinheiro, quer que eu deixe tudo para trás? Que tipo de marido você é?

— Chega!

Ela nem lhe dá ouvidos.

— Não? É isto que está me dizendo? Não? E depois, para onde vai querer ir, maldito?

Paolo observa os cacos de terracota do prato, desloca um deles com a ponta do sapato. Espera alguns segundos até que os soluços da esposa se aplaquem antes de responder.

— A Palermo, onde eu e Barbaro abrimos a botica. No momento, é uma cidade riquíssima, muito diferente de Bagnara! — Ele se aproxima, acaricia um dos braços dela. — Além disso, alguns de nossos conterrâneos vivem no porto. Você não estaria sozinha. — Seu gesto é desajeitado, um pouco rude, mas, no fundo, gentil.

Giuseppina afasta a mão do marido.

— Não — responde ela. — Eu não vou.

Então, os olhos claros de Paolo ficam duros.

— *Não* digo eu. Sou seu marido e você virá comigo a Palermo, ainda que eu precise arrastá-la pelos cabelos daqui até a torre do rei Ruggero. Comece a recolher suas coisas. Vamos partir na semana que vem.

ESPECIARIAS

novembro de 1799 — maio de 1807

Cu manía 'un pinía.
"Quem se empenha, não sofre."

PROVÉRBIOS SICILIANO

Copyrighted image

Desde 1796, sopravam na Itália os ventos da revolução, carregados pelas tropas comandadas por um jovem e ambicioso general: Napoleão Bonaparte.

Em 1799, os jacobinos do reino de Nápoles se rebelaram contra a monarquia dos Bourbon e instituíram a República Napolitana. Ferdinando IV de Nápoles e Maria Carolina de Habsburgo se viram obrigados a pedir refúgio em Palermo. Voltaram a Nápoles somente em 1802; a experiência da república tinha sido encerrada com uma repressão brutal.

Em 1798, para fazer frente à presença crescente dos franceses, diversos estados — entre os quais a Grã-Bretanha, a Áustria, a Rússia e o reino de Nápoles — formam uma coalizão contra a França. Porém, logo após a derrota na batalha de Marengo (14 de junho de 1800), os austríacos assinam o tratado de Lunéville (9 de fevereiro de 1801) e, um ano depois, com o tratado de Amiens (25 de março de 1802), a Grã-Bretanha também firma a paz com os franceses, conseguindo, ao menos, assegurar suas posses coloniais. Com isso, a marinha britânica reforça sua presença no Mediterrâneo, sobretudo na Sicília.

Em 2 de dezembro de 1804, Napoleão se autoproclama imperador dos franceses e, após a decisiva vitória na batalha de Austerlitz (2 de dezembro de 1805), declara o fim da dinastia dos Bourbon, enviando a Nápoles o general André Masséna, encarregado de colocar no trono o irmão do próprio Napoleão, José, que se torna então “rei de Nápoles”. Ferdinando é outra vez obrigado a fugir de Palermo, sob a tutela dos ingleses, apesar de continuar reinando na Sicília.

Canela, pimenta, cominho, anis, coentro, açafão, sumagre, canela-chinesa...

Não, as especiarias não servem apenas para cozinhar. São remédios, cosméticos, venenos, perfumes e lembranças de terras distantes que poucos visitaram.

Para que um pau de canela ou uma raiz de gengibre chegue ao balcão de uma loja, deve passar por dezenas de mãos, viajar no lombo de um burro ou de um camelo em longas caravanas, atravessar o oceano, alcançar os portos europeus.

Os custos, é claro, aumentam a cada etapa.

Rico é quem pode adquiri-las, rico é quem consegue vendê-las. As especiarias para a comida — e ainda mais aquelas utilizadas para os cuidados médicos e em perfumes — são para poucos.

Veneza fundou sua riqueza no comércio das especiarias e nos impostos aduaneiros. Agora, no início do século XIX, são os ingleses e os franceses que as comercializam. De suas colônias além-mar, chegam navios carregados não apenas de ervas medicinais, mas também de açúcar, chá, café e cacau.

O preço desce, o mercado se diversifica, os portos se abrem, as quantidades de especiarias aumentam. Não somente em Nápoles, ou em Livorno, ou em Gênova. Em Palermo, os boticários fundam uma corporação. Têm até uma igreja própria, a de Santo André dos Amalfitanos.

E cresce também o número daqueles que podem vendê-las.

Ignazio prende a respiração.

É sempre assim.

Todas as vezes que o porto de Palermo surge à vista do *schifazzo*, sente um aperto no estômago, como um apaixonado. Sorri, segura o

braço de Paolo e seu irmão retribui o gesto.

Não, ele não o deixou para trás em Bagnara. Quis que o acompanhasse.

— Feliz? — pergunta.

Ignazio assente, seus olhos reluzem e o peito se deixa invadir pela beleza da cidade. Segura nos cabos, projeta-se em direção ao gurupés.

Deixou a Calábria, sua família, ou o que sobrava dela. Agora, porém, com os olhos cheios de céu e mar, já não teme mais o futuro. O terror da solidão não passa de um fantasma.

A respiração se detém diante da sobreposição de matizes de um mesmo azul sobre o qual ressaltam, imersos na tarde, os muros que cercam o porto. Com os olhos vidrados nas montanhas, Ignazio acaricia a aliança da mãe, que usa no dedo anular direito. Colocou-a ali para não correr o risco de perdê-la. Na verdade, quando a toca, tem a sensação de ainda ter a mãe por perto, de poder ouvir sua voz. Ela o chamava, e ele ouviu.

Diante de Ignazio, a cidade se revela. Ganha forma.

Abóbodas de maiólica, torres com merlões, telhas. Eis a enseada, apinhada de falucas, bergantins, escunas, uma angra com formato de coração, comprimida entre duas línguas de terra. Em meio à floresta de mastros, veem-se as portas aninhadas entre os edifícios que foram construídos literalmente em cima delas: porta Doganella, porta Calcina, porta Carbone. Casas enraizadas, amontoadas, como se tentassem abrir espaço em busca de um pouco de vista para o mar. À esquerda, um pouco escondida pelos telhados, a torre do sino da igreja de Santa Maria de Porto Salvo; um pouco mais adiante, vislumbram-se a igreja de São Mamiliano e a torre estreita da igreja da Anunciação, e depois, quase junto dos muros da cidade, a abóbada octagonal da igreja de São Jorge dos Genoveses. À direita, outra igreja, pequena e atarracada, a de Santa Maria de Piedigrotta, e a silhueta imponente do Castelo a Mare, circundado por um fosso; pouco além, em uma língua de terra que avança mar adentro, o leprosário para a quarentena dos marinheiros enfermos.

O monte Pelegrino paira sobre todas as coisas. Por trás, uma cordilheira coberta de bosques.

Há um perfume que vem do continente e exala sobre a água: uma mistura de sal, fruta, madeira queimada, algas, areia. Paolo diz que é o cheiro da terra firme. Ignazio, no entanto, acha que é o perfume daquela cidade.

Chegam ruídos do porto em plena atividade. O cheiro do mar é abafado por um fedor acre: chorume, suor e alcatrão, além do odor da água morta.

Nem Paolo nem Ignazio se dão conta de que Giuseppina mantém os olhos pregados no mar, quase como se ainda pudesse ver Bagnara.

Não sabem que ela se lembra do abraço de Mattia. Aquela mulher, para ela, não é apenas uma cunhada: é uma amiga, é a segurança, é a voz que a orientou nos primeiros e difíceis meses do casamento com Paolo.

Giuseppina esperava que Barbaro e Mattia também fossem acompanhá-los a Palermo, mas aquela foi uma esperança vã. Paolo Barbaro anunciou que permaneceria em Bagnara e se deslocaria a Palermo para comercializar com o norte e ter outro porto seguro. E que precisava da mulher para cuidar da casa e dos filhos. Giuseppina, na verdade, suspeitava que ele quisesse afastar a esposa dos irmãos: Barbaro não gostava muito da proximidade deles, sobretudo a ligação entre Ignazio e Mattia.

Uma lágrima solitária escorre pela bochecha e cai no xale. Giuseppina recorda o farfalhar das árvores que descem as montanhas para quase chegarem no mar, as corridas pelas ruas de Bagnara até a torre do rei Ruggero, com o sol que refratava entre a água e os seixos da praia.

Lá, no embarcadouro sob a torre, Mattia lhe dera um beijo no rosto.

— Não pense que ficará sozinha. Vou pedir para que o escrivão lhe envie cartas, e você fará o mesmo. Agora não chore mais assim, por favor.

— Não é justo! — Giuseppina estava com os punhos apertados. — Não quero isso!

A outra a abraçou.

— Meu coração — responde em siciliano —, é assim mesmo. Nós somos de nossos maridos, não temos poder. Seja forte.

Giuseppina balançou a cabeça, pois não conseguia entender como era possível ser desenraizada assim da própria terra. Sim, as mulheres eram de seus maridos, eram eles quem mandavam. Mas os maridos, com frequência, não sabiam como tratar suas mulheres.

Era o caso de Paolo.

Depois, Mattia mudara de expressão. Deixara o abraço de Giuseppina para encontrar Ignazio.

— Eu sabia que esse dia chegaria. Era apenas uma questão de tempo. — Beijou a testa do irmão. — Que o Senhor o ajude e Nossa Senhora o acompanhe.

— Amém — respondera ele.

Mattia estendeu a mão e depois uniu Giuseppina e Ignazio em um só abraço.

— Cuide de nosso irmão Paolo — falou ela. — Ele é rígido demais com todos, mas especialmente com ela. Diga-lhe para ser mais paciente. Você pode fazê-lo, é irmão dele e é homem. Paolo não vai me dar ouvidos.

Ao se recordar de tudo aquilo, Giuseppina sente um nó no estômago. Sufocara as lágrimas de ternura nos ombros da cunhada, esfregando o rosto no tecido áspero de sua capa.

— Obrigada, minha querida.

A resposta da cunhada foi uma carícia.

Ignazio ficara sombrio diante das palavras da irmã. Virou-se para observar Paolo Barbaro.

— E seu marido, Mattia? Ele tem paciência? Ele a respeita? — O rapaz bufou devagar. — Você não sabe o dó que sinto ao deixá-la aqui sozinha com ele.

A irmã baixou os olhos.

— As coisas são como são. Ele se comporta como deve. — Uma frase. Um zumbido feito palha queimando.

E, naquele gesto, Giuseppina leu o que já sabia. Que Barbaro era violento com ela, que a tratava com brutalidade. O casamento deles

fora combinado entre as famílias por motivos econômicos, assim como o dela com Paolo.

Os homens não conseguiam entender que as duas tinham em comum o coração despedaçado.

— Tia, olha! Estamos chegando! — fala Vittoria.

A menina está feliz, entusiasmada. O pensamento de uma nova cidade, distante de Bagnara, encheu-a de alegria desde o início. No dia antes da partida, a pequena disse a Giuseppina:

— Será maravilhoso, tia.

A mulher respondeu com uma careta.

— Você é pequena demais para entender. Não é como aqui no vilarejo...

— Verdade. — Vittoria não se sentiu desencorajada. — É uma cidade, uma cidade de verdade.

Giuseppina balançou a cabeça enquanto a tristeza, o rancor e a raiva corroíam seu estômago.

A garota fica de pé e aponta para algo. Paolo assente, Ignazio agita os braços.

Da multidão de embarcações, destaca-se um escaler que os guia para o atracadouro. No momento do desembarque, já havia se reunido uma pequena plateia de curiosos. Barbaro estica um braço para agarrar o cabo e amarrá-lo à abita. Um homem dá um passo à frente e os recebe.

— Emiddio!

Paolo e Barbaro desembarcam, cumprimentam-no com familiaridade e respeito. Ignazio os vê confabular enquanto estende a passarela para sua cunhada sair do veleiro. Giuseppina, parada sobre o convés, segura o menino como se quisesse defendê-lo de alguma ameaça. Então, Ignazio, gentilmente, ajuda-a a desembarcar.

— Aquele é Emiddio Barbaro, um primo de Paolo — explica o rapaz. — Foi ele quem nos ajudou a comprar a botica.

Vittoria salta para desembarcar, corre até o tio Paolo. O homem acena bruscamente para que fique calada.

Giuseppina lê no rosto do marido uma tensão estranha, como uma vibração profunda, uma fissura naquela atitude segura que com tanta

frequência a faz sufocar um grito de raiva. Mas é ligeiro: em um instante, o rosto de Paolo volta a ficar carrancudo. A expressão é dura, o olhar cauteloso. Se Paolo sente medo, sabe escondê-lo bem.

Giuseppina dá de ombros. Aquilo não interessa a ela. Dirige-se a Ignazio, cochichando para que ninguém possa ouvi-los.

— Eu conheço Emiddio. Até dois anos atrás, ele voltava frequentemente para Bagnara, quando sua mãe ainda era viva. — Depois, o tom fica mais doce. — Obrigada — sussurra, e inclina a cabeça, presenteando-o com a visão de um pedaço da pele entre o pescoço e a clavícula.

Ignazio desacelera, depois a segue.

Apoia o pé sobre o cais de pedra.

Pelos olhos, Palermo chega até suas entranhas.

Agora está *na* cidade.

É uma sensação de surpresa e calor, que escorrega dentro dele, e da qual se recordará com melancolia quando, alguns anos mais tarde, conhecer de verdade a cidade.

Paolo pede para Ignazio ajudá-lo a descarregar a mercadoria e colocá-la no carroto oferecido por Emiddio Barbaro.

— Encontrei para vocês acomodações próximas às de muitos companheiros de Bagnara que moram aqui em Palermo. Vão se sentir em casa.

— É um lugar grande? — Paolo joga um cesto de vime cheio de cerâmicas na carroça. Um barulho anuncia a destruição de ao menos um prato. Logo depois, dois carregadores colocam na carroça a *corriola*, o baú com o enxoval de Giuseppina.

Ele sorri.

— Três cômodos no térreo. Claro, não são grandes como eram os da casa de Calábria. Foi um conterrâneo nosso que mostrou o local para mim, depois que o primo dele voltou para Scilla. Essencialmente, está a poucos passos da *putìa* de vocês.

Giuseppina não consegue fazer nada além de olhar para as pedras do cais e permanecer em silêncio.

Tudo está decidido.

A raiva se acumula, ruge dentro dela. Cola os pedaços de seu coração, junta-os, mas o faz de qualquer maneira, e aqueles cacos se posicionam entre as costelas e a garganta, provocando-lhe dor.

Ela gostaria de estar em qualquer outro lugar. Até no inferno. Mas não ali.

Paolo e Barbaro permanecem no porto e descarregam a mercadoria. Emiddio guia Giuseppina e Ignazio pela porta Calcina.

As vozes da cidade, no trajeto, lhe soam agressivas, brutais, desgraçadas.

O ar é podre ali. A cidade toda é suja, basta uma única olhada para perceber isso. Palermo é um local miserável.

À sua frente, a sobrinha faz uma pirueta e dá uma risada estrondosa. *Que razão ela tem para ficar tão feliz?*, pensa, irritada, enquanto arrasta os pés no chão lamacento. *Mas a verdade é que ela nada tinha e nada perdeu. Vittoria só ganhou.*

De fato, a garotinha imagina seu futuro e sonha, sonha em não ser só uma órfã acolhida por caridade. Sonha em ter algum dinheiro, talvez em se casar com alguém que não seja um primo distante. Mais liberdade em relação ao que era seu destino naquele vilarejo atochado entre as montanhas e o mar.

Giuseppina, porém, sente-se pobre e enlouquecida.

Do outro lado da porta, a estrada finca-se entre vendas e armazéns que se abrem para as vielas, ladeando casebres pobres. Reconhece alguns rostos. Não retribui as saudações.

Sente vergonha.

Ela os conhece bem. É gente que deixou Bagnara há anos. “Ralé”, a avó sentenciou. “Mortos de fome que não quiseram permanecer no vilarejo”, acrescentou o tio, “que preferiram uma vida fazendo bicos em uma terra estrangeira ou obrigando suas mulheres a trabalharem como criadas nas casas dos outros.” Pois a Sicília é outro país, um mundo diferente que nada tem a ver com o continente.

E sua cólera aumenta porque ela, Giuseppina Saffiotti, não é uma miserável que teve que emigrar para encontrar o pão. Tem um terreno, um enxoval, um dote.

Quanto mais a estrada se afunila, mais seu coração pesa. Não consegue manter o ritmo dos outros. Não quer.

Chegam a um largo. À esquerda, uma igreja com um alpendre fechado com colunas.

— Essa é a Santa Maria a Nova — diz Emiddio, indicando a catedral para Giuseppina. — Aquela outra é São Tiago. Não vão faltar lugares para rezar — diz, conciliador.

Ela agradece, faz o sinal da cruz, mas naquele momento não pensa nas preces. Relembra, na verdade, o que foi obrigada a deixar para trás. Olha para a calçada pavimentada onde restos de frutas e verduras se afogam em poças de lama. Não há vento que consiga varrer o cheiro de morte e chorume.

Por fim, eles param na lateral da praça. Algumas pessoas vão mais devagar e lançam olhares furtivos; outros, mais descarados, cumprimentam Emiddio enquanto observam suas coisas, tentam atribuir valor às roupas, aos gestos, reviram com os olhos a vida dos recém-chegados.

Vão embora!, Giuseppina gostaria de gritar. *Sumam daqui!*

— Chegamos — anuncia Emiddio.

Uma porta de madeira. Cestos com frutas, verduras e batatas estão apoiados no batente.

Emiddio se aproxima e dá um pontapé em um balaio. Coloca as mãos nos quadris e fala com o tom de quem faz uma proclamação.

— Mestre Filippo, o que está fazendo? Pode retirar essas coisas? Os novos inquilinos de Bagnara estão aqui.

O vendedor é um velho com as costas curvas e um olho aguado. Vem do fundo do depósito apoiando-se às paredes.

— Pois bem, estou indo! — Ele levanta a cabeça e revela o outro olho, bem mais esperto, que estuda Ignazio e se detém em Giuseppina.

— Já não era sem tempo. Pedi para retirar essas coisas de manhã — diz Emiddio.

O velho se arrasta até os cestos e pega um. Ignazio faz menção de ajudá-lo, mas Emiddio alcança seu braço.

— Mestre Filippo é mais forte que eu e você juntos.

No entanto, há algo mais naquelas palavras.

E esta é a primeira lição que Ignazio aprende: em Palermo, uma frase pela metade pode valer mais que um discurso inteiro.

Entre um arquejo e um suspiro, o vendedor libera a passagem.

Restam as folhas e as cascas de laranja.

Basta um olhar de Emiddio para que sejam varridas.

Finalmente, eles podem entrar.

Giuseppina olha ao redor. De imediato percebe que a casa está vazia há bem mais que dois meses. O fogão a lenha está ali, quase na soleira. A chaminé não pode ser boa, pois o muro está preto, as maiólicas, trincadas, sujas de fuligem. Há apenas uma mesa; nenhuma cadeira, apenas um banquinho. Alguns armários de pedra, fechados com portas de madeira inchadas e rachadas. As vigas estão cobertas por teias de aranha; no chão, vermes e umidade. O piso range debaixo de seus pés.

A casa é escura.

Bastante escura.

A cólera se transforma em repulsa, sobe pelo estômago, vira fel. É tão forte que a mulher sente ânsia de vômito.

Isso é uma casa? A minha casa?

Passa além da soleira do quarto, onde estão Emiddio e Ignazio. O cômodo é estreito, parece mais um corredor: a luz insalubre entra por uma janela com barras, que dá para um pátio interno. Do lado de fora, vem o barulho de um chafariz.

Os outros dois cômodos são pouco mais que despensas. Não há portas, só cortinas.

Giuseppina aperta Vincenzo contra o peito, continua olhando ao redor sem conseguir acreditar no que vê. Contudo, é real. A sujeira. A miséria.

O menino acorda. Está com fome.

Ela volta para a cozinha. Encontra-se sozinha agora: Ignazio e Emiddio estão do lado de fora, além da soleira. Sente que suas pernas podem ceder, então se deixa cair no banquinho antes de desabar no chão.

O sol está se pondo, em breve a escuridão descera sobre Palermo e sobre aquela pocilga, transformando-a em uma tumba.

É assim que Ignazio a encontra ao entrar na casa. Desolada, com a criança aos prantos.

Pensa então em se ocupar com as bagagens.

— Você precisa de ajuda? — pergunta ele a Giuseppina. — Logo Paolo chegará com outros cestos e a *corriola*. — O rapaz quer apagar a expressão de terror do rosto da cunhada. Quer distraí-la, quer...

— Pare. — A voz está despedaçada. Ela levanta a cabeça. — Não podíamos pagar por nada melhor que este lugar miserável? — pergunta ela de uma vez, sem raiva, sem forças.

— Não em Palermo. A cidade... é uma cidade. É cara. Não é um vilarejo como o nosso. — Ele tenta explicar, mas sabe que essas palavras nunca serão o suficiente.

O olhar da mulher é vazio.

— Isto é uma choça. Um *catojo*, um antro. Onde foi que seu irmão me trouxe?

É o alvorecer. Não há ninguém, ou quase ninguém, no largo São Tiago, a praça onde se encontra a *putìa* de Florio e Barbaro.

A porta da botica range. Paolo entra. Um fedor de mofo o agride.

Ignazio, atrás dele, deixa escapar um suspiro ofegante. O balcão está inchado de umidade. Há frascos e vasos soltos aqui e ali.

O desânimo passa de um para o outro, envolve-os e se acomoda entre o peito e a garganta.

— Ninguém me disse que vocês ficariam aqui — diz o garoto que lhes entregou a chave, tentando se justificar. — Dom Bottari está acamado, como sabem... não levanta da cama há semanas.

Ignazio pensa que a culpa não pode ser da doença, que Bottari perdeu o interesse pela loja. Aquela desolação não é coisa de pouco tempo.

— Passe-me a vassoura — diz Paolo, simplesmente. — E vá buscar alguns baldes. — Ele pega a vassoura e começa a varrer o chão. Faz isso com uma raiva controlada. Não foi assim que viu a *putìa* da última vez que esteve em Palermo.

Ignazio hesita, depois se dirige ao cômodo que se vislumbra pela cortina.

Sujeira. Bagunça. Papéis empilhados por todos os cantos. Cadeiras velhas, pilões quebrados.

A sensação de ter errado, de ter arriscado tudo e perdido, toma conta dele. Pelo som rítmico da vassoura, percebe que Paolo sente o mesmo.

Vrush, vrush.

Cada varrida é um tapa. Nada aconteceu conforme esperavam. Nada.

Começa a recolher os papéis, esvazia o saco de juta para acumular o lixo. Uma barata enorme cai sobre seus pés.

Vrush, vrush.

Seu coração é uma pequena pedra que se pode apertar entre os dedos.

Ele afasta o inseto com um chute.

Eles terminam a limpeza por volta do meio-dia. Na soleira, Paolo — descalço e com as mangas da camisa enroladas — seca o rosto suado.

Agora a botica cheira a sabão. O garoto está tirando o pó dos frascos e dos vasos e os organiza seguindo as instruções dadas por Paolo.

— Ah, então é verdade. A loja reabriu.

Paolo se vira.

A voz vem de um homem de meia-idade com olhos azuis tão claros que parecem pálidos. Uma entrada profunda na linha dos cabelos desenha uma mancha clara em sua testa. Veste-se de baeta com uma gravata plastrão presa com um alfinete de ouro.

Atrás dele está uma garota com capa de cetim bordada e brincos de pérola, de braços dados com um jovem.

— Que fim levou Domenico Bottari? Ele passou o ponto? — pergunta o jovem.

Paolo o observa. O rapaz tem a voz forte, marcada pelo sotaque, e o rosto sardento.

— Eu sou o proprietário, em sociedade com meu irmão e meu cunhado. — Seca a mão molhada nas calças com a barra dobrada na altura do tornozelo e estende-a para cumprimentá-lo.

— Você é o proprietário? — O rosto do jovem se desfaz em uma gargalhada. — É tão proprietário que não pode nem contratar alguém para limpar o chão?

— Outro calabrés! — exclama a garota. — Sinceramente, quantos pode haver no mundo? Quando eles falam, parece que estão cantando!

— E o que vão fazer, vender especiarias? — O homem mais velho ignora a chacota da jovem. Talvez seja filha dele? *Pode ser*, pensa Paolo. *São parecidos*.

O outro se aproxima e o examina com atenção.

— Ou vão fazer compra e venda de outras coisas? Quem são seus fornecedores?

— Com certeza já têm contato com outros calabreses ou com os napolitanos. Serão eles que vão vender a vocês as especiarias? — pergunta o mais velho.

— Eu... nós... — Paolo gostaria de impedir aquela saraivada de perguntas. Leva as mãos à frente, procura Ignazio, mas o irmão fora até o marceneiro à procura de ripas para consertar as diversas prateleiras e cadeiras tortas.

Vê o garoto perto da *putia*. Está com um balde nas mãos e olha para aqueles dois com reverência. Paolo faz sinal para que se aproxime, mas entende que não, que ele não virá.

O homem mais velho se aproxima da porta.

— Com licença. — Ele entra na loja sem esperar resposta. — Bottari fechou bons negócios com essa *putia*, mas faz mesmo um tempo que... — Uma olhada é o suficiente. — Vão ter que trabalhar bastante antes de poder vender alguma coisa sem passar vergonha. — Esfrega as mãos. — Se não sabem de quem comprar ou como vender, correm o risco de ficarem abertos do Natal até o dia de São Estevão.

Paolo apoia a vassoura à parede, depois desenrola as mangas. Sua voz já não é mais cordial.

— Verdade. Mas não nos faltam recursos ou vontade.

— Também vão precisar de sorte. — O rapaz entrou na loja logo depois do velho. Avalia as estantes, conta os frascos, lê o que está escrito neles. Parece dar um preço a tudo que vê. — Com essas coisas, não dá para ir muito longe. Aqui não é a Calábria. É Palermo, a capital da Sicília, e não é um lugar para mortos de fome. — Ele pega um frasco e segue a rachadura com o dedo. — Acham que podem seguir adiante com esses vasos lascados?

— Temos quem nos venda nossas mercadorias. Somos comerciantes de especiarias, temos nosso *schifazzo*. Meu cunhado vai nos trazer uma carga todo mês. É só questão de tempo até nos assentarmos e arrumarmos tudo. — Mesmo sem querer, Paolo está na defensiva, pois aquele homem o pressiona, zomba dele, coloca-o em uma situação difícil.

— Ah! Então são vendedores. Não são boticários.

O jovem cutuca o homem mais velho com o cotovelo. Não tem nem o decoro de falar em voz baixa.

— O que eu disse? Achei estranho... nenhuma matrícula foi feita no Colégio dos Boticários, tampouco no Colégio dos Farmacêuticos. São comerciantes.

— Tem razão — responde o outro.

Paolo quer enxotá-los: eles se intrometeram na vida deles, tentaram contar o dinheiro em seu bolso e ainda por cima fazem chacota...

— Bem, se não se importarem, preciso continuar o trabalho. — Ele aponta para a porta. — Bom dia.

O velho dá meia-volta sobre os calcanhares. Lança a Paolo um olhar de escárnio, depois bate os saltos, quase como se estivesse obedecendo a uma ordem, e sai da loja sem sequer cumprimentá-lo.

O jovem, em contrapartida, para e olha mais uma vez para as prateleiras.

— Dou dois meses a vocês, antes de encontrá-los mendigando na rua. Dois meses, no máximo, e vão fechar as portas.

Quando Ignazio retorna, encontra Paolo com o rosto enfiado entre as mãos trêmulas. Mexe em vasos e frascos, observa-os, balança a cabeça.

— O que foi? — indagou Ignazio. Algo deve ter acontecido. Seu irmão está transtornado.

— Há pouco vieram me ver aqui três pessoas. Dois homens e uma mulher. Fizeram todo tipo de perguntas. Quem somos, o que fazemos, como vendemos...

— Gente curiosa, então. — Ignazio levanta algumas ripas de madeira que pegara com o carpinteiro para consertar as cadeiras e as prateleiras. Pega o prego, coloca-o no lugar e começa a martelar. — E o que queriam, afinal?

— A questão não é o que queriam, mas quem eram.

Neste ponto, Ignazio se detém. O mal-estar na voz do irmão não é só de antipatia: há incômodo ali, talvez medo. Enruga a testa.

— Paolo, quem eles eram? O que queriam?

— O garoto que Bottari nos mandou me disse. O pobre coitado estava com tanto medo que nem quis chegar perto. — O irmão repousa a mão em seu braço. — Era Canzoneri, Ignazio. Canzoneri e seu genro, Carmelo Saguto, e não quero compartilhar com você a forma como se portaram.

Ignazio coloca o martelo sobre o balcão.

— O Canzoneri? O comerciante de especiarias que vende para o exército do rei?

— E para toda a aristocracia. Sim, ele mesmo.

— E o que veio fazer aqui?

Paolo indica a botica. Entre os braços abertos, cria-se o vazio, insinua-se a penumbra da tarde daquele outono cansado.

— Dizer-nos que, segundo ele, não vamos longe. — Na voz, há um quê de desânimo, de resignação, que toca Ignazio profundamente. É que o rapaz não consegue suportar.

Ele pega o martelo, segura um prego.

— Deixe que fale.

Uma martelada.

É como se Ignazio estivesse lhe devolvendo o pensamento quando o irmão revelara que queria deixar Bagnara.

— Deixe que todos falem, Paolo. Não viemos aqui para passar fome ou voltar para a Calábria na madrugada, como mendigos. —

Sua voz é dura. Ele não esconde a cólera, a indignação, o orgulho. Outro prego, outra martelada. — Viemos para cá e aqui ficaremos.

Depois de Canzoneri, outros boticários também foram bisbilhotar. Deram voltas na loja, espiaram pelos vidros, mandaram seus ajudantes irem lá dar uma olhada.

Os rostos são hostis, cheios de escárnio ou pena. Um deles, um tal Gulì, disse a ambos, de forma amigável, para não se sentirem espertos demais, porque Palermo “é difícil”.

Palermo estuda os Florio. Estuda-os bem. E não os perdoa.

Clientes, poucos.

E pensar que há especiarias agora, e de primeira qualidade.

Por isso, quando ouvem o ranger da porta, algumas semanas depois, quase não acreditam em seus olhos.

Uma mulher. Um lenço na cabeça e um avental nos quadris. Na mão, um pedaço de papel. Estende-o para Paolo, que está mais perto.

— Não sei o que está escrito — diz ela. — Meu marido sente dor na barriga e tem febre alta. Disseram para comprar essas coisas, mas não tenho muito dinheiro e não posso ir à farmácia. Fui até Gulì e ele me falou que, com o que tenho, não posso comprar nada. Vocês... podem me vender isso?

Os dois irmãos se entreolham.

Paolo lê.

— São remédios para constipação. Vamos ver o que podemos fazer. — Lê os nomes das ervas em voz alta: — Arruda, flor de malva...

Ignazio alcança as prateleiras, pega os vasos. As ervas terminam no pilão, enquanto Paolo escuta a mulher.

— Faz quatro dias que meu marido sente dor e não sai da cama. — Ignazio espia ansioso, enquanto trabalha. — Essas coisas vão fazer com que ele melhore? Eu não tenho mais para onde ir. Precisei penhorar meus brincos para chamar o médico, porque o barbeiro não entendia nada.

Paolo massageia o próprio queixo.

— E a febre? Está alta?

— Ele se vira na cama e não consegue descansar.

— Não tem paz, o pobre homem... Claro, se a febre está alta...

Ignazio aponta um vaso enorme atrás dele. Paolo entende.

Uma colher cheia de uma cortiça escura acaba dentro do pilão.

A mulher vê Ignazio, desconfiada.

— O que é isso?

— Chama-se casca de quinquina. É a cortiça de uma árvore do Peru e serve para baixar a febre — explica Paolo, com paciência.

Porém, a mulher está preocupada e enfia as mãos nos bolsos.

Ignazio ouve o tilintar de *grani* e de *tari* ^[01] sendo contados.

— Desta vez não precisa pagar. Fique tranquila — diz ele, afinal.

Ela quase não acredita. Pega o dinheiro, coloca no balcão.

— Mas os outros comerciantes...

Paolo coloca a mão em seu braço.

— Os outros são como são e fazem como querem. Nós somos os Florio.

Foi assim que tudo começou.

As semanas passam, debulham-se uma após a outra. O Natal se aproxima.

Um dia, Giuseppina vai até eles logo após o toque dos sinos do meio-dia. Encontra o marido e o cunhado, que estão guardando vasos e pequenas balanças no cômodo traseiro da loja.

— Trouxe o almoço — diz ela. Tem nas mãos uma cesta com pão, queijo e azeitonas. Ignazio oferece uma cadeira para que ela se sente, mas a cunhada faz um gesto e diz que não. — Preciso ir. Vittoria está sozinha com Vincenzo.

Paolo pega o pulso dela.

— Não fuja sempre — diz ele com uma estranha doçura. Então, Giuseppina, com cuidado, volta para o lado do marido, que lhe dá uma fatia de pão molhada no azeite.

— Já comi.

Ele aperta a mão dela.

— E daí? Só um pouco mais?

Giuseppina aceita. Contudo, mantém o olhar baixo.

Ignazio mastiga devagar. Estuda os dois.

Eles brincam. Ou melhor, Paolo brinca com ela. Giuseppina aceita os pedaços de comida que o marido lhe oferece, mas o rosto continua franzido.

Alguém bate à porta.

— O que é isso, não se pode ter um minuto de paz... — Paolo limpa a boca com a manga. Vai até a frente da loja, enquanto Ignazio engole o último pedaço de queijo e já se coloca de pé.

Giuseppina agarra seu braço.

— Ignazio.

O tom de Giuseppina é severo, ele tem quase a impressão de que é seu irmão quem fala.

— O que é?

— Preciso de sua ajuda. Eu... — Um tilintar de frascos vem do outro cômodo. — Queria mandar uma carta para Mattia. Poderia escrevê-la?

Ignazio se volta para ela.

— Paolo não pode ajudá-la?

— Pedi a ele. — A mão de Giuseppina está em cima da mesa. Ela a fecha em punho e desliza até encontrar a mão de Ignazio. — Ele disse que não tem tempo, e que eu não deveria fazê-lo perder tempo. A verdade é que não quer, sei disso, e, quando lhe pedi, ele ficou irado. Mattia não sabe como estamos, se já nos instalamos... Antes, eu e ela nos víamos todos os dias na igreja. Agora, nem sei se está viva. Gostaria ao menos de escrever a ela...

O rapaz suspira. Aqueles dois são como água e azeite: podem estar no mesmo frasco, mas nunca vão se misturar.

Ela fala baixo. Toca-o, aperta-lhe a palma.

— Não sei mais a quem pedir. Aqui, não tenho proximidade com ninguém, e não quero revelar minhas questões a um estranho. Poderia me ajudar?

Ignazio reflete em silêncio. *Não*, diz a si mesmo. *Deveria procurar o escrivão*. Não quer saber por que Giuseppina está com aquela expressão infeliz ou por que Paolo tenta se aproximar dela, mesmo sabendo que será rechaçado.

De toda forma, é inútil: ele os vê e os escuta todos os dias, embora jamais briguem em voz alta. Afinal, certas coisas se sentem com a alma e com o instinto. E ele, que quer bem a ambos, se encontra no meio deles.

É então que ele, o irmão paciente, generoso e gentil, sente desenrolar uma cobra que está escondida, uma cobra-d'água venenosa. Ignazio aprendeu a atirar pedras nela, porque não tem o direito de deixá-la emergir. Não pode dizer a Paolo o que fazer com a própria esposa.

Giuseppina agora fala muito perto dele.

— Por favor.

Ignazio sabe que não deve se colocar entre eles. Devia sair dali, mandá-la falar outra vez com Paolo.

Nesse momento, percebe que entrelaçou seus dedos nos dela.

Afasta-se de supetão e fala dando-lhe as costas.

— Está bem. Agora vá embora.

Quando Paolo lhe pergunta por que está levando papel e tinta para casa, Ignazio explica ao irmão. Vê como sua expressão azeda.

— Como quiser. Eu é que não quero ter que aguentar as reclamações dela até por carta.

Trocam poucas palavras durante o jantar; pegam os bocados de um mesmo prato no centro da mesa. De sobremesa, uva e um pouco de fruta seca. Vittoria passeia pelo cômodo com Vincenzo no colo. Canta.

Olha esse meu menino
Veja o quanto é bonito
Dorme, dorme
Dorme contente
Que essa é a hora
Esse é o momento
E vem, vem, sono
Vem e toma conta dele
Esse meu filho pequenino